

Língua(gem) e literatura na educação básica: leitura crítica, distopias, desumanização tecnológica (Parte Um)

Language (gem) and literature in basic education: critical reading, dystopias, technological dehumanization (Part One)

Lengua (gem) y literatura en la educación básica: lectura crítica, distopías, deshumanización tecnológica (Primera Parte)

DOI: 10.54901/educa.v9-159

Dr. Sérgio Nunes de Jesus¹
Me. Shyrley de Almeida Alves²
Me. Miriam Almeida Sampaio³
Es. Elizângela Ataíde de Souza⁴

RESUMO: O presente artigo realiza análise das representações sociais do futuro na literatura distópica, relacionando-as aos processos históricos, filosóficos e pedagógicos. Destaca que o progresso técnico e científico, especialmente no século XX, apresenta face ambígua, simboliza avanços e riscos de desumanização, controle social e alienação. Obras como Admirável Mundo Novo (Aldous Huxley, 1932) e 1984 (George Orwell, 1948) exemplificam narrativas que problematizam o impacto da tecnologia na liberdade, na autonomia e na subjetividade ao direcionamento que o desenvolvimento sem ética pode fortalecer estruturas opressoras. Associa de igual forma essas reflexões às manifestações culturais contemporâneas, como canções; logo, o estudo aponta para o potencial de recursos interdisciplinares na formação de leitores críticos. Assim sendo, a proposta pedagógica reforça a importância da leitura que utiliza metáforas e análise discursiva para sensibilizar estudantes às questões do controle social e da perda de humanidade, especialmente na era digital. Para tanto, ressalta o papel do ensino de Literatura e Língua Portuguesa na formação ética, crítica e cidadã ao proporcionar ferramentas da relação entre tecnologia, poder, liberdade e fortalece a autonomia e o pensamento reflexivo na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: distopia; educação crítica; tecnologia; controle social; reflexão.

¹ Doutor em Ciências da Linguagem, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: sergio.nunes@ifro.edu.br

² Mestra em Psicologia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: shyrley.alves@ifro.edu.br

³ Mestra em Letras, Rede Pública Estadual da Bahia (SEDUC), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: mmmsampaio@yahoo.com.br

⁴ Especialista em Mídias na Educação, Rede Pública Estadual de Rondônia (SEDUC), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: elizaataide5.0@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, os avanços científicos e o fortalecimento do capitalismo industrial desencadearam transformações profundas na organização social, econômica e cultural do mundo ocidental. A crença no progresso ilimitado, sustentada pelo desenvolvimento tecnológico, consolidou a ideia de que a ciência seria capaz de solucionar os principais problemas da humanidade, instaurando uma era de prosperidade e racionalidade.

Entretanto, o século XX revelou a face ambígua desse progresso. As duas guerras mundiais demonstraram que a mesma ciência responsável por melhorias na medicina, na comunicação e na produção de alimentos também potencializou mecanismos de destruição em escala inédita. A técnica, quando submetida a interesses políticos e ideológicos, tornou-se instrumento de dominação e extermínio.

A explosão das bombas atômicas em *Hiroshima* (6 de agosto de 1945) e *Nagasaki* (9 de agosto de 1945) simbolizou o ápice dessa capacidade destrutiva, evidenciando que o conhecimento científico, desvinculado de princípios éticos, pode comprometer a própria sobrevivência humana. Do mesmo modo, o uso de gases letais em campos de concentração nazistas e o emprego de armamentos cada vez mais sofisticados revelaram a instrumentalização da ciência para fins desumanizadores.

Diante desse cenário, tornou-se insustentável a visão ingênua do progresso como sinônimo automático de bem-estar. A experiência histórica mostrou que a ciência não é intrinsecamente boa ou má; sua repercussão depende das estruturas de poder que a orientam e das escolhas morais que regem sua aplicação. Assim, o avanço tecnológico passou a ser também objeto de desconfiança e crítica.

A contextualização histórica do avanço científico e das guerras mundiais dialoga com a abordagem de Gilberto Cotrim, ao destacar que o século XX foi marcado por profundas contradições entre progresso técnico e crises humanitárias (Cotrim, 2005). Assim, a leitura de obras como *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley, 1932) e *1984* (George Orwell, 1948) torna-se mais significativa quando articulada ao entendimento histórico das tensões políticas e ideológicas que moldaram a sociedade contemporânea.

Nesse prisma, correntes filosóficas passaram a questionar o positivismo, corrente que atribuía à ciência o papel de ‘panaceia’ social. A ideia de que o desenvolvimento técnico resolveria desigualdades, conflitos e dilemas humanos revelou-se simplificadora diante das

crises políticas e humanitárias do período; pois o progresso material não foi acompanhado, necessariamente, por avanço ético ou humanístico.

É nesse horizonte crítico que surge a concepção literária do chamado ‘mundo novo’: uma sociedade futurística aparentemente perfeita, organizada racionalmente e sustentada por alta tecnologia. Nesse modelo, a ordem social é mantida não apenas pela força, mas pelo controle científico dos comportamentos e das emoções, reduzindo o indivíduo à peça funcional de um sistema maior.

Assim, no que se refere à fundamentação teórica da Literatura como campo de formação crítica, é pertinente considerar a concepção de sistema literário apresentada por Afrânio Coutinho, ao afirmar que *a literatura deve ser compreendida como manifestação cultural integrada ao contexto histórico e social de sua produção* (Coutinho, 2014). Sob essa perspectiva, a análise das distopias e das canções contemporâneas não se limita ao estudo estético, mas insere-se na compreensão das transformações ideológicas que atravessam a modernidade e repercutem no ambiente escolar.

Dessa maneira, a ausência de religião, a substituição de vínculos familiares por estruturas artificiais e o uso da química para conter revoltas ilustram um projeto de estabilidade social construído à custa da liberdade e da autonomia humana. Para tanto, a tecnologia, nesse cenário, deixa de ser ferramenta de emancipação para se tornar mecanismo de padronização e controle.

Essa idealização distópica não representa apenas crítica ao futuro, mas uma metáfora do presente; pois ao evidenciar os riscos de uma sociedade excessivamente tecnicista, tais narrativas denunciam a possibilidade de alienação e esvaziamento da subjetividade em nome da eficiência, do consumo e da ordem. No campo da historiografia literária, José de Nicola ressalta que *a literatura brasileira e universal acompanha os dilemas de seu tempo, funcionando como espaço de crítica e reflexão sobre as estruturas sociais* (Nicola, 2011). Tal compreensão legitima o diálogo entre a distopia huxleyana e as canções brasileiras analisadas, evidenciando que diferentes linguagens artísticas convergem na problematização da alienação e do controle social.

Essa crítica, ao revelar os limites de uma sociedade tecnicista, abre espaço para repensarmos o próprio significado de progresso. Desse modo, a reflexão sobre o ‘mundo novo’ convida à revisão do próprio conceito de progresso; ou seja, o verdadeiro avanço não pode limitar-se ao aperfeiçoamento técnico; exige responsabilidade ética, consciência crítica e

valorização da dimensão humana. Sem esses elementos, a tecnologia, em vez de libertar, pode afastar o ser humano de sua própria humanidade.

Portanto, a articulação entre literatura e contexto histórico, conforme defendida por Coutinho (2014) e Nicola (2011), reforça a necessidade de compreender as obras não como produções isoladas, mas como expressões de um momento cultural específico. A distopia, nesse sentido, emerge como resposta estética às crises da modernidade, refletindo inquietações que permanecem atuais no cenário da cultura digital.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise interpretativa de obras literárias e produções culturais relacionadas à crítica do avanço tecnológico e à ideologia do ‘mundo novo’. Foram consultados livros didáticos, obras de ficção distópica e materiais acadêmicos, além de conteúdos disponíveis em plataformas digitais, com o objetivo de compreender como a literatura e outras manifestações artísticas problematizam a relação entre ciência, tecnologia e desumanização social.

A metodologia consistiu na leitura, discussão e comparação de textos que abordam sociedades futurísticas marcadas pelo controle tecnológico, articulando-os ao contexto histórico dos séculos XIX e XX, especialmente no que se refere aos impactos das guerras mundiais e ao fortalecimento do pensamento positivista. A análise buscou identificar elementos críticos presentes nas narrativas, destacando como a tecnologia pode ser representada tanto como instrumento de progresso quanto como mecanismo de dominação ideológica e alienação.

Nessa perspectiva, para William Roberto Cereja, *o trabalho com linguagens deve priorizar a formação do leitor competente, capaz de interpretar diferentes gêneros textuais em seus contextos de produção* (Cereja, 2003). Essa articulação entre *romance distópico* e *canção popular*, proposta nesta abordagem, concretiza a orientação de integrar múltiplas práticas discursivas no espaço escolar.

De modo complementar, João Domingues Maia destaca que, o ensino de língua deve superar a fragmentação gramatical e promover a análise do texto em sua dimensão social e

comunicativa (Maia, 2005). Ao explorar metáforas como “gado”, “mundo” e “chip”, em *Admirável Gado Novo*⁵, de Zé Ramalho – como vemos abaixo:

Oh, boi!
Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer
Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!
Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!
Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!
É o Brasil!
Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!

Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!
Oh, boi
O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela
Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível
Não voam, nem se pode flutuar
Não voam, nem se pode flutuar
Não voam, nem se pode flutuar
Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!
Eh, oh, oh, vida de gado
Povo marcado, eh!
Povo feliz!
Feliz, feliz, feliz
Oh, boi, oh, boi, eh, boi

Composição: Zé Ramalho.
Legendado por: Dionizio e mais.
Revisões por: 7 pessoas.

Assim, o texto evidencia que o estudo linguístico pode ser realizado de forma contextualizada, relacionando estrutura textual, sentido e crítica social; dessa feita, Sant’Anna (1979, p. 27) afirma que [...] “toda ideologia tem sua arte, toda realidade tem seu sonho, toda presença tem sua ausência”. Isso sugere que as obras artísticas, como as músicas citadas anteriormente, podem ser lidas como manifestações de uma crítica social subjacente, refletindo e refratando as contradições e os anseios de uma época. Dessa forma, a análise linguística pode se tornar uma ferramenta poderosa para desvelar as ideologias e os discursos que permeiam a sociedade, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade e da própria linguagem.

De acordo com Maria Luiza Abaurre, ao tratar da interlocução e da construção de sentido, reforça que *o texto só se completa na interação entre autor, obra e leitor* (Abaurre, 2013). Nesse sentido, a leitura de ‘Admirável Gado Novo’ (Zé Ramalho 1979), ‘Bravo Mundo Novo’ (Plebe Rude 1987) e ‘Admirável Chip Novo’ (Pitty 2003) no ambiente escolar promove

⁵ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/49361/> Acesso em: 10 mar. 2026.

a construção coletiva de sentidos e estimula abordagens críticas, bem como a participação ativa dos estudantes.

Conquanto, a perspectiva interdisciplinar apontada em nossa abordagem encontra respaldo nas orientações contemporâneas de ensino, que valorizam a integração entre *literatura, história e análise linguística*. Conforme apontam os referenciais didáticos mencionados, o trabalho com textos literários e culturais amplia a competência discursiva e favorece a compreensão da linguagem como prática social (Cereja, 2003; Maia, 2005; Abaurre, 2013).

Ao integrar essas contribuições teóricas ao estudo das distopias e das canções brasileiras, o texto consolida um percurso metodológico coerente com os princípios da Educação Básica. O ensino de Literatura e Língua Portuguesa, fundamentado nesses referenciais, revela-se espaço privilegiado para desenvolver leitura crítica, consciência histórica e sensibilidade estética.

As atividades foram realizadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *campus* Cacoal, durante as aulas de Língua Portuguesa e Literatura, com a turma do 3º ano, do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Agroecologia, sob orientação do Professor Sérgio Nunes de Jesus e concomitantemente foram realizadas atividades com alunos do 2º ano, do Ensino Básico regular, nas aulas de Língua Portuguesa, no Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra/SEDUC, no ano de 2025, aplicadas pela professora especialista Elizângela Ataíde de Souza; essas com a colaboração das pesquisadoras Miriam Almeida Sampaio (SEDUC, Caetité-BA) e da servidora Shyrley de Almeida Alves (Reitoria, IFRO) com as análises de dados constituídos a partir das leituras.

O estudo integrou práticas de leitura crítica, debate coletivo e produção escrita na promoção reflexiva e interdisciplinar a partir dos impactos éticos, sociais e culturais do desenvolvimento científico e tecnológico previamente estabelecidos. Essas abordagens buscaram articular a essência do saber pedagógico com as possibilidades de desenvolvimento no tripé *Ensino-Pesquisa-Extensão*, em ambas as instituições, visando fomentar a compreensão mais ampla e crítica dos desafios e oportunidades emergentes na sociedade contemporânea.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A distopia apresentada em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, distingue-se de outras narrativas do gênero por deslocar o eixo do autoritarismo da violência explícita para o controle sutil e consentido. Diferentemente de *1984*, de George Orwell, em que o poder se mantém pela vigilância ostensiva e pela repressão brutal, em Huxley a dominação ocorre por meio do condicionamento psicológico, da manipulação genética e do uso do ‘Soma’, substância que anestesia conflitos e produz uma felicidade artificial. O controle, portanto, não é imposto pela dor, mas pela satisfação fabricada.

Para Figueiredo (2025)⁶, Huxley antecipa um mundo em que *o verdadeiro perigo não viria da opressão pela dor (como em Orwell), mas da sedução pelo conforto*, mostrando que o prazer e o conformismo são os mecanismos centrais de dominação. Ainda na mesma linha de raciocínio, Tavares (2010, p. 212), por sua vez, [...] “analisa o romance como uma paisagem narrativa que articula utopia e distopia, ressaltando que a obra de Huxley apresenta uma “caracterização negativa, opressiva de uma ordenação social ideal” [...], em que o controle não é violento, mas sistemático e consentido.

Para tanto, Coutinho (2014, p. 185) em seus estudos sobre literatura no Brasil, embora não trate exclusivamente de Huxley, reforça a ideia de que a literatura [...] “é espaço de crítica e reflexão sobre estruturas sociais”, o que legitima a leitura de *Admirável Mundo Novo* como metáfora da alienação e da desumanização. Essas leituras críticas não apenas reforçam a especificidade da distopia huxleyana, mas também se articulam com o contexto histórico em que a obra foi produzida.

Assim sendo, a perspectiva dialoga diretamente com o contexto histórico da década de 1930, marcada pela ascensão de regimes totalitários e pelo fortalecimento do fascismo. A literatura de ficção científica do período refletia o temor de que o avanço técnico, aliado a ideologias de massa, pudesse resultar em sociedades rigidamente organizadas e desprovidas de liberdade individual. O próprio Huxley, no prefácio de 1947, reconhece que a distância entre ficção e realidade parecia diminuir, sugerindo que o horror imaginado poderia concretizar-se em prazo relativamente curto.

⁶ Disponível em: <https://blogandoonline.com.br/admiravel-mundo-novo> (blogandoonline.com.br in Bing). Acesso em: 11 mar. 2026.

No universo do romance, a sociedade é estruturada em castas biologicamente determinadas, com indivíduos produzidos em laboratório e condicionados desde a fase embrionária. Tal organização elimina a imprevisibilidade humana e transforma a vida em um processo padronizado, no qual cada sujeito nasce para cumprir uma função previamente estabelecida. A ausência de família, a manipulação do desejo e a imposição de slogans repetidos durante o sono reforçam a ideia de que a alienação pode ser construída de maneira sistemática e científica.

O aspecto mais inquietante dessa estrutura é que ela elimina o conflito ao suprimir a própria capacidade crítica. Ao oferecer prazer constante e estabilidade social, o Estado retira do indivíduo a possibilidade de questionamento. A felicidade deixa de ser experiência autêntica para tornar-se mecanismo político. Assim, Huxley antecipa uma crítica contemporânea: a de que o controle social pode operar por meio do consumo, do entretenimento e da satisfação imediata, e não apenas pela coerção direta.

Para tanto, essa mesma crítica ecoa na canção Admirável Gado Novo, de Zé Ramalho ao retratar o “povo marcado” e a “vida de gado”, a letra denuncia a condição de massa passiva, conduzida por engrenagens sociais que limitam a autonomia individual. A repetição do verso “Êh, povo feliz!” carrega forte ironia, evidenciando uma felicidade aparente que mascara exploração, vigilância e conformismo; elementos que dialogam diretamente com a sociedade imaginada por Huxley.

A metáfora da engrenagem enferrujada presente na música sugere um sistema que consome seus próprios integrantes, transformando-os em peças substituíveis. Tal imagem aproxima-se da lógica das castas em Admirável Mundo Novo, onde o valor do indivíduo está condicionado à sua utilidade produtiva. Em ambos os casos, a crítica recai sobre a naturalização da desigualdade e sobre a internalização de discursos que legitimam a submissão.

A dimensão estética da metáfora, elemento central na pesquisa, pode ser relacionada à tradição poética modernista. Manuel Bandeira, em *A cinza das Horas* (Bandeira, 1917), já demonstrava como a linguagem poética é capaz de traduzir inquietações existenciais e tensões do sujeito moderno. Embora em contexto distinto, essa herança literária contribui para compreender como a metáfora; seja na poesia, na prosa distópica ou na canção; constitui instrumento de elaboração crítica da realidade.

No universo do romance, a sociedade é estruturada em castas biologicamente determinadas, com indivíduos produzidos em laboratório e condicionados desde a fase embrionária. Tal organização elimina a imprevisibilidade humana e transforma a vida em um

processo padronizado, no qual cada sujeito nasce para cumprir uma função previamente estabelecida. A ausência de família, a manipulação do desejo e a imposição de slogans repetidos durante o sono reforçam a ideia de que a alienação pode ser construída de maneira sistemática e científica.

Tavares (2010, p. 212) cita que “Em *Admirável Mundo Novo*, a uniformidade é garantida pela manipulação genética e pelo condicionamento desde o nascimento, eliminando qualquer possibilidade de escolha autêntica”. Isso transmite a ideia de que a alienação é construída de forma sistemática e científica, conforme “A ideologia está tentando ela mesma preencher os vazios que na prática não preencheria jamais” (Sant’anna, 1979, p. 27).

Desse modo, tanto a distopia literária quanto a canção evidenciam que o perigo não reside apenas na tecnologia em si, mas na forma como ela pode ser articulada a projetos de poder e dominação ideológica. A crítica proposta aponta para uma sociedade em que o controle se exerce pela manipulação dos desejos, pela padronização do pensamento e pela aceitação inconsciente das estruturas vigentes. Assim, a temática do “mundo novo” permanece atual ao problematizar a tênue fronteira entre progresso técnico e perda da liberdade humana.

A distopia de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, inaugura uma crítica contundente à modernidade ao evidenciar que o controle social pode se estabelecer por meio da sedução e do condicionamento, e não apenas pela repressão. O ‘mundo novo’ apresentado no romance nasce sob a promessa de estabilidade e felicidade, mas sustenta-se na supressão da individualidade e na eliminação do pensamento crítico; pois a aparente harmonia esconde uma estrutura rígida, onde a liberdade é sacrificada em nome da ordem.

Essa concepção encontra paralelo histórico nas inquietações do século XX, quando o avanço científico e tecnológico passou a ser associado tanto ao progresso quanto à barbárie. A literatura distópica, assim como em *1984*, de George Orwell, revela o temor de que sistemas políticos e ideológicos se apropriem da técnica para moldar consciências. Contudo, enquanto *Orwell* enfatiza a vigilância e o medo, *Huxley* destaca o prazer artificial e a alienação consentida como mecanismos mais eficazes de dominação.

No campo musical, essa crítica ressurgiu em *Admirável Gado Novo*, de Zé Ramalho. A metáfora do “povo marcado” traduz a condição de indivíduos que, integrados a uma engrenagem social excludente, passam a naturalizar sua própria submissão. A ironia presente na expressão “povo feliz” reforça a ideia de uma felicidade ilusória, semelhante àquela induzida pela “Soma” no romance de Huxley: uma satisfação que anestesias conflitos e impede a contestação.

A imagem da “vida de gado” aponta para a massificação e para a perda de identidade em uma sociedade que valoriza a produtividade e o consumo acima da autonomia. Assim, como na divisão em castas de *Admirável Mundo Novo*, a organização social descrita na canção sugere um sistema que classifica, conduz e limita seus integrantes, mantendo-os dentro de parâmetros previamente estabelecidos - tanto a canção quanto o romance denunciam a perda da identidade e a alienação sistemática.

Nesse diálogo crítico insere-se também *Bravo Mundo Novo*⁷, da banda **Plebe Rude** - vejamos a seguir:

Se eu lhe dissesse: olhe além do horizonte
Será que você olharia?
Bravo mundo novo está nascendo
E pelo visto vai te surpreender um dia
Herdando do passado velhos erros e ideais
Que só servem de exemplo
Pros demais que já há muito tempo
Bravo mundo novo
Se eu lhe dissesse: as coisas não são como parecem
Será que você escutaria?
Bravo mundo novo está nascendo
E pelo visto vai te surpreender um dia
Conselho ou sermão, não aprendemos a lição
De que com insistência ou não
Nos protegemos e lutamos contra o quê?

Não pergunte então
Se os sinos dobrarão
Se dobrarem não será por você
Bravo mundo novo, decadente nosso cativo
Mas se tão jovem mais parece que já há muito tempo

Fonte: Musixmatch
Compositores: André Philippe de Seabra / André Pinheiro Machado Mueller
Letra de Bravo Mundo Novo © Sony Music Publishing (Brazil) Edições Música

A própria expressão “bravo mundo novo” retoma ironicamente a promessa de renovação e progresso. Contudo, a letra questiona essa aparente novidade ao afirmar que o futuro herda “velhos erros e ideais”, indicando que o avanço tecnológico não rompe necessariamente com estruturas opressivas do passado, mas pode apenas reconfigurá-las. Nesse viés, a canção *Bravo Mundo Novo* se insere em um movimento cultural mais amplo, que utiliza a arte como instrumento de crítica e resistência. Conforme Coutinho (2014, 185) “A literatura, e por extensão a arte, é sempre espaço de crítica e reflexão sobre estruturas sociais”.

⁷ Disponível em:

https://www.google.com/search?q=letra+de+plebe+rude+bravo+mundo+novo&client=opera&sca_esv=ee2c5135af4a9c09&biw=1534&bih=731&ei=3yOwaeG8DLL41sQPzMNgyQI&oq=Letra+bravo+mundo+novo&gs_l=EGxnd3Mtd2l6LXNlcnAiFkxldHJhIGJyYXZvIG11bmRvIG5vdm8qAggAMgYQABgWGB4yBRAAGO8FMgUQABjvBTIFEAAAY7wUyCBAAGIAEGKIEMgUQABjvBUizR1AAWLsxcAB4AZABAjgB3QGgAb8bqgEGMC4yMS4xuAEBYAEA-AEBmAIWoAKwHMICChAAGIAEGIoFGEPChAhEQLhiABBixAxiDARjHARjRA8ICCxAAGIAEGLEDGIMBwgIOEC4YgAQYigUYsQMYgwHCahAQABiABBikBRixAxiDARgKwgIIEAAYgAQYsQPCAgUQABiABMICBBAAGAPCaggQABgWGB4YCPgDAJIHBJAuMjEuMaAHkmyyBwYwLjLjG4B7AcwgcIMC41LjE1LjLIB2iACAE&sclient=gws-wiz-serp Acesso em: 10 mar. 2026.

Ao perguntar “as coisas não são como parecem”, a canção convoca o ouvinte à desconfiança crítica. A ideia de que o mundo nascente “vai te surpreender” carrega ambiguidade: pode representar inovação, mas também ameaça. Logo, essa ambivalência aproxima-se da reflexão huxleyana, na qual o progresso técnico, longe de libertar, pode consolidar um “cativeiro” moderno, mais sofisticado e menos perceptível.

O verso “decadente nosso cativeiro” sintetiza a noção de aprisionamento simbólico. Diferentemente das prisões físicas dos regimes autoritários clássicos, trata-se de um confinamento ideológico, mantido por discursos, hábitos e estruturas que moldam comportamentos. Assim como em Huxley e na metáfora de Zé Ramalho, o aprisionamento não se impõe apenas pela força, mas pela internalização das regras do sistema.

Interligando as três abordagens, observa-se que literatura e música convergem na denúncia da alienação produzida pela modernidade tecnicista e capitalista. Em Huxley, o condicionamento é científico; em Zé Ramalho, é socioeconômico; na Plebe Rude, é cultural e ideológico. Em todos os casos, o indivíduo corre o risco de aceitar como natural uma realidade construída para limitar sua consciência e sua liberdade.

Desse modo, o “mundo novo”; seja admirável, gado ou bravo; representa uma metáfora crítica da contemporaneidade - as obras alertam que o verdadeiro perigo não está apenas na tecnologia, mas na ausência de reflexão ética e na passividade diante das estruturas de poder. A superação desse “cativeiro” exige olhar além do horizonte, questionar aparências e resgatar a capacidade humana de pensar, escolher e resistir.

A crítica ao “mundo novo” ganha contornos contemporâneos na canção *Admirável Chip Novo*⁸, de **Pitty** - vejamos a seguir:

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração

Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça

⁸ Disponível em: https://www.google.com/search?q=letra+de+pitty+-+admirável+chip+novo&client=opera&sca_esv=ee2c5135af4a9c09&biw=1534&bih=731&ei=kCiwaZruHuKP5OUPxJGwsAY&ved=0ahUKEwia9tu3w5WTAxXiB7kGHcQIDGYQ4dUDCBE&uact=5&oq=letra+de+pitty+-+admirável+chip+novo&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniAiJWxldHJhIGRIIHBpdHR5IC0gYWRtaXLD0XZlbcBjaGlwIG5vdm8yBhAAGBYHjIGEAAYFhgeMgYQABgWGB4yBhAAGBYHjIGEAAYFhgeMgYQABgWGB4yBRAAGO8FSNGgAVCDCl_i_mgFwAXgBkAEAmAHmAABoiyqAQYwLjI3LjS4AQPIAQD4AQGYA hmgApcjwglKEAAYRxiWBBiWA8ICBhAAGB4YDcICBBhAGArCAgoQIRgKKGKABGMMewgIIEAAYgAQ YogSYAwCIBgQBgeSBwYxLjIxLjOgB8BwsgcGMC4yMS4zuAePI8IHBzAuMTQuMTHIB0aACAE&sclie nt=gws-wiz-serp Acesso em: 10 mar. 2026.

Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Não senhor, sim senhor
Não senhor, sim senhor
Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Não senhor, sim senhor
Não senhor, sim senhor
Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Fonte: [Musixmatch](#)

Compositores: Priscilla Novaes Leone
Letra de Admirável Chip Novo © Deck Produções Artísticas Ltda.

Ao substituir “mundo” por “chip”, a artista desloca a reflexão distópica para a era digital, sugerindo que o ser humano passou de habitante de um sistema para extensão dele. A metáfora tecnológica indica que o controle já não precisa ser imposto externamente: ele é instalado, configurado e atualizado no próprio sujeito, que internaliza padrões de comportamento e consumo.

A expressão “pane no sistema” simboliza o instante de consciência crítica, quando o eu lírico percebe que sua autonomia era ilusória. Ao declarar que “nada é orgânico, é tudo programado”, a canção reforça a ideia de desumanização também presente em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Se, na distopia literária, o controle ocorre por meio da manipulação genética e do condicionamento químico, aqui ele se dá pela lógica da automação e da repetição, em que desejos e opiniões parecem previamente determinados.

A sequência de comandos: “Pense, fale, compre, beba... Tenha, more, gaste, viva” evidencia a naturalização de um roteiro social pautado pelo consumo e pela obediência. A alternância entre “não senhor, sim senhor” traduz a submissão mecânica, revelando que a liberdade proclamada pelo discurso moderno pode ocultar relações hierárquicas profundamente enraizadas. Assim como nas metáforas de alienação presentes em outras canções e nas distopias literárias, o sujeito acredita agir por vontade própria quando, na verdade, apenas reproduz instruções internalizadas.

Dessa forma, a canção de Pitty consolida o diálogo entre *literatura* e *música* ao demonstrar que o “mundo novo” não é apenas projeção futurística, mas realidade em constante atualização. A tecnologia, quando desvinculada de reflexão ética e consciência crítica,

transforma-se em mecanismo de padronização da experiência humana. Conclui-se, portanto, que as obras analisadas convergem na denúncia de um progresso que, sem responsabilidade e questionamento, pode converter liberdade em programação e humanidade em sistema.

4 JUSTIFICATIVAS PLAUSÍVEIS À PESQUISA

Assim, a justificativa da nossa abordagem fundamenta-se, primeiramente, na necessidade de compreender criticamente o conceito de progresso que se consolidou a partir do século XIX. A crença no avanço científico como solução universal para os dilemas humanos mostrou-se insuficiente diante das experiências históricas do século XX.

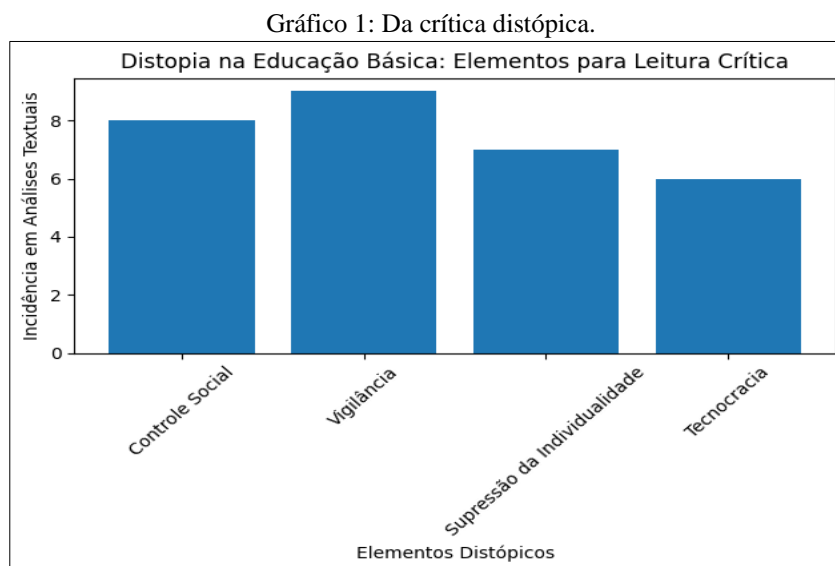
Outrossim, Hobsbawm (1995, p. 14) cita que “O século XX foi marcado por uma extraordinária aceleração do progresso técnico, mas também por sua utilização em escala destrutiva sem precedentes”. Ainda na mesma lógica, Bauman (2001, p. 89) aponta que “O progresso científico não garante por si só o bem-estar humano; ao contrário, pode converter-se em instrumento de exclusão e dominação”. Ou seja, conferindo respaldo histórico e sociológico à crítica ao progresso técnico que se desvincula da ética, revelando as contradições de um desenvolvimento que avança sem considerar os impactos sociais e humanos.

As guerras mundiais e o uso destrutivo da tecnologia evidenciaram que o desenvolvimento técnico, quando dissociado de princípios éticos, pode converter-se em instrumento de dominação e desumanização. Assim, investigar a ‘ideologia do mundo novo’ torna-se relevante para problematizar a associação automática entre tecnologia e bem-estar social.

Dito isso, os apontamentos pela permanência e atualidade da temática nas produções culturais nas obras *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell, demonstram que a literatura antecipou debates sobre *vigilância, manipulação e controle social*. Essas narrativas não se restringem ao contexto histórico em que foram produzidos; ao contrário, dialogam intensamente com a contemporaneidade, marcadas por *tecnologias digitais, algoritmos e redes de informação* que influenciam comportamentos e opiniões.

Assim, análise das narrativas distópicas, no âmbito da Língua Portuguesa, amplia a compreensão de recursos discursivos como *ironia, intertextualidade, metáfora e construção de sentido*. O estudo dessas obras permite explorar não apenas o enredo, mas também os mecanismos linguísticos que sustentam a crítica social. Assim, a disciplina transcende o ensino

normativo da língua e promove o domínio reflexivo do texto, favorecendo a formação de leitores críticos e conscientes como apontamos a seguir.

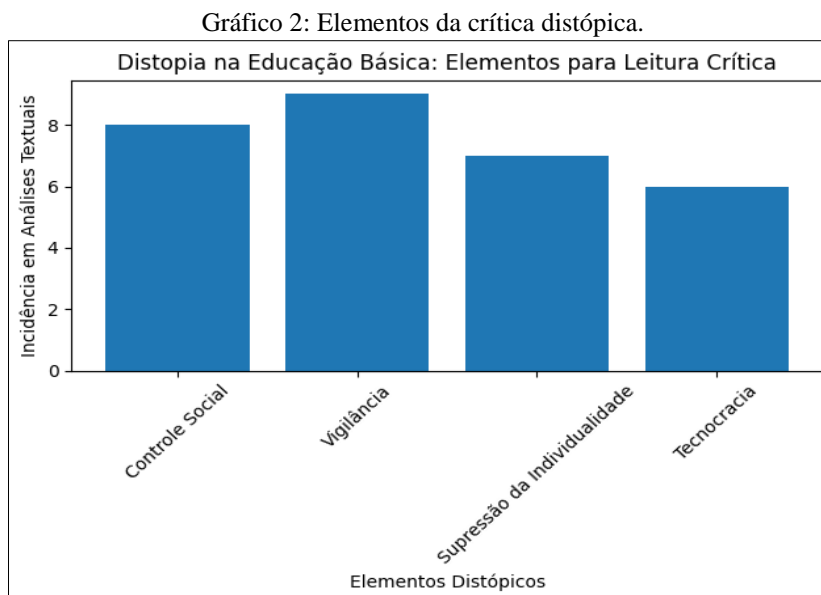


Fonte: Disponível em: <https://chatgpt.com/c/69a1fb88-c7cc-8329-b5f7-11f056972853>
Acesso em: 03 de mar. 2026.

Essa perspectiva encontra respaldo em contribuições teóricas que valorizam a formação do leitor competente. Logo, Cereja (2003) enfatiza que, o trabalho com linguagens deve priorizar a capacidade de interpretar diferentes gêneros textuais em seus contextos de produção. A articulação entre romance distópico e canção popular, proposta nesta pesquisa, concretiza essa orientação ao integrar múltiplas práticas discursivas no espaço escolar, fortalecendo o vínculo entre literatura, música e reflexão crítica. Assim, “O ensino da leitura deve visar à formação de leitores capazes de compreender e interpretar textos em diferentes situações comunicativas, desenvolvendo uma postura crítica diante da linguagem” (Cereja; Magalhães, 2003, p. 45). A citação anterior corrobora a ideia de que o trabalho com linguagens deve priorizar a interpretação contextualizada de múltiplos gêneros, o que legitima a proposta de integrar o romance distópico e a canção popular no espaço escolar, fomentando uma compreensão mais ampla e crítica da realidade.

Os dados apresentados no gráfico 1 (Da crítica distópica): “Distopia na Educação Básica: Elementos para Leitura Crítica” reforçam essa justificativa ao evidenciar que, os elementos mais recorrentes nas análises textuais são a vigilância e o controle social. Esses aspectos dialogam diretamente com as preocupações já discutidas, como a alienação e a supressão da subjetividade em sociedades tecnicistas. Ao trazer tais elementos para o contexto

escolar, a pesquisa legitima-se como instrumento de reflexão ética e pedagógica, mostrando que o ensino de Língua Portuguesa pode contribuir para a compreensão das tensões entre tecnologia, humanidade e liberdade.



Fonte: Disponível em: <https://chatgpt.com/c/69a1fb88-c7cc-8329-b5f7-11f056972853>
Acesso em: 03 de mar. 2026.

No primeiro gráfico, observamos que, vigilância e controle social são os elementos mais recorrentes nas análises textuais; pois isso confirma o que já foi discutido: a literatura distópica, ao lado da canção popular, denuncia os riscos da alienação e da supressão da subjetividade em sociedades tecnicistas. Esses dados funcionam como evidência empírica daquilo que a fundamentação teórica vinha sustentando que a crítica ao progresso desvinculado da ética se materializa em narrativas que expõem mecanismos de controle e vigilância.

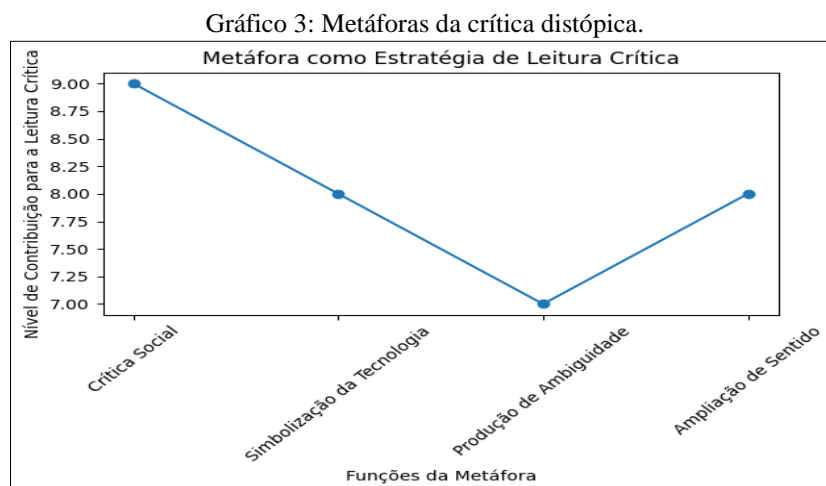
O gráfico 2: (Elementos da crítica distópica): “Distopia na Educação Básica: Elementos para a Leitura Crítica”, por sua vez, organiza os referenciais teóricos e autores que embasam a pesquisa. Ele mostra que a análise não se limita à identificação dos elementos narrativos, mas é testificada em tradições literárias, historiográficas e pedagógicas consolidadas (como as contribuições de Cereja, Coutinho, Nicola e Bandeira). Dessa forma, há uma ponte clara entre os dois gráficos: enquanto o primeiro evidencia o que aparece com maior incidência nas análises (os temas distópicos mais fortes), o segundo demonstra como essa análise se fundamenta teoricamente (quais autores sustentam a reflexão).

Em conjunto, os gráficos reforçam a justificativa da pesquisa: a leitura das distopias não apenas amplia o domínio linguístico e discursivo, mas também promove uma reflexão ética

e crítica sobre sociedade, tecnologia e humanidade, legitimada por referenciais acadêmicos sólidos.

Outra justificativa plausível reside na importância de analisar como a arte, especialmente a música, amplia e ressignifica essas críticas. Canções como *Admirável Gado Novo*, de Zé Ramalho; *Bravo Mundo Novo*, da Plebe Rude; e *Admirável Chip Novo*, de Pitty, demonstram que a crítica à alienação tecnológica extrapola o campo literário e permeia diferentes linguagens. A intertextualidade presente nessas canções reforçam a permanência do debate sobre massificação, consumo e perda da autonomia individual.

Além disso, o estudo se justifica pela necessidade de refletir sobre os mecanismos contemporâneos de controle que operam de maneira cada vez mais sutil. Se nas distopias clássicas o autoritarismo se manifesta por meio da repressão ou do condicionamento explícito, na sociedade atual ele pode ocorrer pela sedução do consumo, pela lógica da produtividade e pela internalização de discursos padronizados. A ideia de “felicidade programada” ou de “sistema reinstalado” revela que a alienação pode ser consentida e até desejada, o que torna a análise ainda mais urgente.



Fonte: Disponível em: <https://chatgpt.com/c/69a1fb88-c7cc-8329-b5f7-11f056972853>
Acesso em: 03 de mar. 2026.

O gráfico 3: (Metáforas da crítica distópica): “Metáfora como Estratégia de Leitura Crítica” demonstra como diferentes funções da metáfora contribuem para a formação de uma leitura crítica. A linha evidencia que a crítica social é o aspecto mais forte, com nível máximo de contribuição, seguida pela ampliação de sentido, que também se destaca. Já a simbolização da tecnologia aparece em posição intermediária, enquanto a produção de ambiguidade tem menor impacto.

Essa interpretação se conecta diretamente ao que temos discutido até agora: a literatura distópica e a canção popular utilizam a metáfora como recurso central para denunciar a alienação, o controle social e os riscos de um progresso desvinculado da ética. O gráfico confirma que, entre as funções da metáfora, a capacidade de promover crítica social é a mais relevante para a leitura crítica, pois permite ao estudante relacionar texto e realidade, questionando estruturas sociais e tecnológicas.

Além disso, a ampliação de sentido reforça o papel da metáfora em abrir múltiplas interpretações, estimulando o leitor a pensar além do literal e a desenvolver consciência crítica. Isso dialoga com os referenciais teóricos já citados (como Cereja e Coutinho), que defendem a formação de leitores capazes de interpretar diferentes gêneros e contextos.

A abordagem também se fundamenta na dimensão educacional e formativa da pesquisa. Ao articular literatura, música e contexto histórico, promove-se uma leitura interdisciplinar capaz de desenvolver senso crítico nos estudantes. Compreender a ideologia do “mundo novo” significa estimular a reflexão sobre o papel da tecnologia na vida cotidiana e sobre a responsabilidade individual e coletiva diante de seus impactos sociais, políticos e culturais.

Outro ponto que justifica o trabalho é a relevância de discutir a desumanização em um cenário marcado pela automação, pela inteligência artificial e pela cultura digital. A metáfora do ser humano como “chip” ou “engrenagem” não é apenas recurso poético, mas representação simbólica de uma realidade em que relações humanas podem ser mediadas, quantificadas e transformadas em dados. Questionar esse processo é essencial para preservar valores como autonomia, empatia e diversidade.

Por fim, a pesquisa se legitima pela necessidade de ressignificar o próprio conceito de progresso. O “mundo novo”, nas obras analisadas, não é apenas promessa de inovação, mas alerta sobre os riscos de um desenvolvimento desvinculado da ética. Ao integrar literatura e música na discussão, evidencia-se que o verdadeiro avanço deve conciliar tecnologia e humanidade. Sem consciência crítica, o progresso pode resultar em novas formas de cativo; com reflexão e responsabilidade, pode tornar-se instrumento de emancipação. Nesse horizonte crítico, o diálogo com diferentes tradições intelectuais torna-se essencial para sustentar a análise.

Desse modo, a presença de autores como Coutinho (2014), Bandeira (1917), Cotrim (2005), Cereja (2003), Maia (2005), Abaurre (2013) e Nicola (2011) fortalece o embasamento científico da investigação, demonstrando que a análise do “mundo novo” não se restringe ao

campo temático, mas dialoga com tradições literárias, historiográficas e pedagógicas consolidadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que a disciplina de Literatura, articulada ao ensino de Língua Portuguesa, desempenha papel fundamental na formação crítica dos estudantes ao possibilitar a análise de discursos que atravessam diferentes épocas e linguagens. Ao trabalhar a ideologia do “mundo novo” sob a perspectiva da desumanização tecnológica, o estudo reafirma a importância da leitura literária como instrumento de reflexão sobre a realidade histórica e social.

A literatura, nesse contexto, deixa de ser compreendida apenas como manifestação estética e passa a ser reconhecida como espaço de problematização ética e política. Obras como Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, e 1984, de George Orwell, revelam que a ficção distópica antecipa debates contemporâneos sobre vigilância, manipulação e alienação. Ao serem trabalhadas em sala de aula, tais obras estimulam a interpretação crítica e o desenvolvimento da competência leitora.

No âmbito da Língua Portuguesa, a análise dessas narrativas amplia a compreensão de recursos discursivos, como ironia, intertextualidade, metáfora e construção de sentido. O estudo das distopias permite explorar não apenas o enredo, mas também os mecanismos linguísticos que estruturam a crítica social. Assim, a disciplina transcende o ensino normativo da língua e promove o domínio reflexivo do texto. Essa perspectiva pedagógica encontra respaldo em contribuições teóricas que valorizam a formação crítica do leitor.

As canções analisadas reforçam essa perspectiva interdisciplinar. Em Admirável Gado Novo, de Zé Ramalho, a metáfora da “vida de gado” traduz a massificação e a alienação social. A força poética da imagem permite aos estudantes compreenderem como a linguagem figurada pode denunciar estruturas de poder de forma acessível e impactante.

De modo semelhante, Bravo Mundo Novo, da Plebe Rude, problematiza a herança de “velhos erros e ideais”, revelando que o progresso não rompe necessariamente com práticas opressivas. A análise dessa canção em sala de aula favorece o debate sobre permanências históricas e sobre a construção ideológica do discurso modernizador.

Já em Admirável Chip Novo, de Pitty, a metáfora tecnológica do “chip” evidencia a internalização do controle na era digital. O uso de comandos repetitivos e da ideia de “reinstalar

o sistema” constitui rico material para o estudo de recursos linguísticos como repetição, paralelismo e construção de sentido, além de suscitar reflexões sobre a cultura digital contemporânea.

A interligação entre literatura e música fortalece a aprendizagem significativa, pois aproxima o conteúdo escolar do universo cultural dos estudantes. Ao reconhecer referências presentes no cotidiano, o aluno percebe a atualidade dos temas literários e amplia sua capacidade de estabelecer conexões entre texto e realidade.

Além disso, o trabalho com metáforas revela-se fundamental para o desenvolvimento da competência interpretativa. A metáfora, enquanto recurso expressivo, exige leitura inferencial e estimula o pensamento abstrato. Compreender o “gado”, o “mundo novo” ou o “chip” como representações simbólicas do controle social contribui para a formação de leitores críticos e autônomos.

Outro aspecto relevante refere-se à formação ética promovida por esse tipo de abordagem. Ao discutir tecnologia, poder e alienação, a escola cumpre sua função social de preparar o estudante para atuar conscientemente em uma sociedade marcada por transformações constantes. A literatura e a música tornam-se, assim, instrumentos de educação cidadã.

A pesquisa também aponta para a necessidade de metodologias inovadoras no ensino de Literatura e Língua Portuguesa. O diálogo entre gêneros textuais distintos; romance, canção, crítica histórica, pois demonstra que a interdisciplinaridade potencializa a compreensão e o engajamento discente. Trabalhos futuros podem ampliar essa proposta, incorporando outras mídias, como cinema e séries, para aprofundar o debate sobre distopia e tecnologia.

No ambiente escolar, a abordagem aqui desenvolvida contribui para superar a fragmentação curricular. Ao integrar análise textual, contexto histórico e reflexão filosófica, promove-se uma aprendizagem mais contextualizada e crítica. Esse modelo pode servir de referência para projetos pedagógicos que valorizem a pesquisa e a produção autoral dos estudantes.

Ademais, a investigação reforça o papel do professor como mediador do conhecimento, capaz de articular diferentes linguagens e estimular o questionamento. A mediação docente é essencial para transformar a leitura em experiência reflexiva e para conduzir debates que extrapolem a superfície do texto.

Em perspectiva futura, estudos dessa envergadura podem explorar mais profundamente a relação entre tecnologia digital e práticas de leitura, investigando como as novas plataformas

influenciam a interpretação e a produção textual. A escola, nesse sentido, precisa acompanhar as transformações culturais sem abdicar de sua função crítica.

Consideramos, portanto, que a ideologia do “mundo novo” constitui temática fecunda para o ensino básico, pois articula literatura, linguagem e sociedade. A análise das obras e canções demonstrou que o progresso tecnológico, quando desvinculado da ética, pode resultar em novas formas de alienação; questão central para a formação contemporânea.

Por fim, reafirma-se que a Literatura e a Língua Portuguesa, quando trabalhadas de forma crítica e contextualizada, não apenas desenvolvem habilidades linguísticas, mas também promovem consciência social. Ao incentivar o olhar além das aparências e a leitura das metáforas que permeiam discursos culturais, a escola contribui para a formação de sujeitos capazes de pensar, questionar e agir de maneira autônoma diante dos desafios do “mundo novo”.

Consideramos, portanto, que a incorporação desses referenciais amplia a densidade teórica do trabalho e reafirma a relevância do ensino de língua(gens) na Educação Básica como instrumento de formação crítica. Ao articular literatura, história e análise linguística sob perspectiva fundamentada, o estudo contribui para práticas pedagógicas inovadoras e socialmente comprometidas, capazes de formar sujeitos reflexivos diante dos desafios do progresso tecnológico contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza Marques. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BANDEIRA, Manuel. **A cinza das horas**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2014.

FIGUEIREDO, Vilson. **O sentido filosófico de Admirável Mundo Novo: prazer, controle e conformismo**. Blogando Online – Resenhas e Análises, 22 out. 2025. Disponível em: <https://blogandoonline.com.br/admiravel-mundo-novo> (blogandoonline.com.br in Bing). Acesso em: 11 mar. 2026.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução Marcos Santa Rita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAIA, João Domingues. **Português**: volume único. São Paulo: Ática, 2005.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. 18. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 1979

TAVARES, Enéias Farias. Discurso utópico e distópico nas paisagens narrativas de Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley. **Literatura e Autoritarismo**, n. 4, 2010. Universidade Federal de Santa Maria. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X74930>